

# Sempre a cor da pele

**Franklin Rumjanek**

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
franklin@bioqmed.ufrj.br



**E**m seu excelente livro *Armas, germes e aço*, o biólogo e historiador norte-americano Jared Diamond retorna ao debate sobre as desigualdades do mundo moderno. Por que algumas nações se desenvolveram e outras não? Diamond pondera que, além de politicamente incorreto, é errado atribuir a falta de homogeneidade de progresso no planeta a fatores genéricos – como diferenças entre etnias – e ao clima. Ele afirma que tanto o viés racista quanto a visão de que o clima frio induz a criatividade humana e o clima quente a inibe são hipóteses sobretudo simplistas e paternalistas. Assim como muito outros, Diamond apresenta argumentos sólidos, com base no método científico, no bom senso e na história. Apesar disso, a implacável sociobiologia insiste no bordão de que os genes determinam o atraso e mantêm incivilizados os habitantes dos trópicos e adjacências.

O mais novo ataque nesse sentido, que já estimulou forte polêmica, foi lançado pelos psicólogos norte-americanos Donald I. Templer e Hiroko Arikawa, em trabalho publicado recentemente (*Intelligence*, v. 34, p. 121, 2006), cujo título já diz tudo: ‘Temperatura, cor da pele, renda *per capita* e QI: uma perspectiva internacional’. Os autores apontam, nesse trabalho, correlações diretas entre os vários parâmetros citados no título e o desempenho intelectual revelado pelo teste de QI (quociente de inteligência). E concluem que os países mais atrasados só se encontram nessa situação porque as populações locais são intelectualmente comprometidas, o que acaba levando à insolvência econômica. E, surpresa: essas pessoas são negras!

Felizmente para a ciência, os críticos desse e de outros trabalhos do mesmo calibre invariavelmente apontam erros metodológicos e conceituais. Nessa plataforma dialética, os opositores do racismo-paternalismo ressaltam, em primeiro lugar, que o teste de QI não independe de cultura. Esse teste mede principalmente a proficiência verbal e o raciocínio numérico e espacial. Assim, o bom desempenho certamente envolve treina-

mento e exposição prévia aos problemas apresentados. Em outras palavras, quanto mais testes de QI uma pessoa fizer, melhor será o seu resultado, sem que isso signifique necessariamente que a pessoa está se tornando mais inteligente com a prática. Em segundo lugar, como já foi amplamente discutido, a cor da pele depende de vários genes e corresponde apenas a uma adaptação seletiva à exposição solar.

Sem entrar em muitos detalhes sobre o terceiro parâmetro (a renda *per capita*), talvez o equívoco mais sistemático do trabalho tenha sido a fé inabalável nas

---

## O bordão de que os genes determinam o atraso e mantêm incivilizados os habitantes dos trópicos fere o método científico, o bom senso e a história

correlações. Ainda nesse contexto, outro trabalho recente, publicado pelo neurocientista norte-americano Philip Shaw e outros na revista *Nature* (v. 440, p. 676, 2006), também centraliza a pesquisa no teste de QI, mas estabelece outra correlação, desta vez anatômica. Os autores sugerem que variações na espessura do córtex cerebral em várias idades das crianças estariam correlacionadas com a inteligência. Para chegar a essa conclusão, apresentam resultados baseados em ressonância magnética e no inevitável teste de QI. Onde está a verdade? Embora não seja possível afirmar nada, por que não estabelecer nossas próprias correlações? Por exemplo, podemos correlacionar os índices de impacto de cada uma das revistas com a qualidade dos dados e das interpretações. Essencialmente, o índice de impacto de cada periódico científico mede o número de citações que este consegue por ano. A grosso modo, isso reflete o grau de confiabilidade que os cientistas depositam na revista. Quanto mais alto o índice, maior o prestígio do periódico. O índice de impacto da *Intelligence* é de 2,2 e o da *Nature* está em torno de 30. Podemos então concluir que o artigo da primeira não vale muita coisa e o da segunda representa o estudo mais correto? É claro que não. Diante dessa situação, só podemos ajustar a célebre frase do humorista Millôr Fernandes: “Livre correlacionar é só correlacionar!” ■